

Capítulo I

— Na verdade, papai, precisamos é de um pistoleiro sem moral nem escrúpulos. Um sujeito de sangue-frio, calculista, rápido e certo como o bote de uma cascavel.

— Não se pode confiar nesse tipo de gente, Jessie. E, do jeito que anda minha sorte, não duvido de que, além de nos trair, ele ainda vá mancomunar-se com Fletcher.

— O senhor sempre diz que até mesmo um homem perverso é capaz de lealdade em troca de uma boa quantia. Se não conseguirmos ajuda o quanto antes, Wilbur Fletcher vai se apoderar desta fazenda e nós seremos mortos e enterrados aqui. Ou então acabaremos servindo de alimento para os coiotes e os urubus, o que me parece mais provável em se tratando desse bastardo dos infernos.

— Jess! Modere sua linguagem. Sei que estamos todos nervosos, mas sua mãe e eu nunca permitimos a nossos filhos falarem dessa maneira. — Jedidiah Lane limpou o suor e a poeira do rosto enrugado.

— Eu não quis ser rude, papai. Sei que o senhor não vai querer um pistoleiro nos seus calcanhares e também que odeia pedir ajuda, mas a verdade é que temos de tomar uma atitude. Os soldados do xerife Cooper não podem aceitar o encargo, e nós não temos como fazer nada sozinhos.

Cansado daquela conversa que se repetia desde que o forasteiro vindo do Leste resolvera ameaçá-los de lhes tomar a fazenda, Jed passou a mão pelos cabelos grisalhos e içou um balde de água. Como de costume, ele e Jessie haviam parado junto ao poço atrás da casa para se lavarem antes do jantar.

— Papai, escute: eu jamais teria sugerido uma coisa dessas se houvesse outra maneira de enfrentarmos Fletcher. Aquele infeliz tem pistoleiros a mando dele, e nós precisamos de alguém que saiba como afrontá-los. Estamos muito atarefados; não temos como resistir e tomar conta da fazenda ao mesmo tempo. Se contratarmos um pistoleiro, essa pessoa poderá enfrentar Fletcher e o bando dele enquanto nós cuidamos do gado e da lavoura.

— E de que vai adiantar mais um par de braços, Jess? Temos quinze peões e não faz diferença. Se ao menos Cooper ou o Exército nos ajudassem a fazer com que aquele miserável pare de nos rondar... — Ignorando que tinha o corpo todo dolorido, Jed lavou-se com a água fria. Nem queria pensar na possibilidade de perder a mãe, os filhos, a fazenda, tudo o que mais amava.

— Papai, ninguém irá nos ajudar se não houver provas. Além do quê, é claro que Fletcher iria mentir perante o xerife. Por favor, deixe-me ir a San Angelo e contratar um pistoleiro. Não levarei mais do que quinze dias para ir e voltar, e tudo estará resolvido até o verão. — Rubra de raiva, com chispas nos olhos azuis e a grossa trança castanho-avermelhada que lhe ia até a cintura um tanto desgrehada, Jessica Marie Lane era a imagem da determinação e da energia. Vestida com roupas masculinas, trabalhava como um homem-feito e, aos vinte e quatro anos, era o braço direito do pai. Com o auxílio de Matthew Cordell, o capataz, ela havia custado a convencer o pai

de que Fletcher estava por trás dos recentes problemas, já que Jed não queria aceitar a ideia de que a fazenda estivesse sob ameaça.

— San Angelo é uma cidade muito perigosa; é melhor Matt ou algum peão ir.

— Sei tomar conta de mim, mesmo assim levarei Big Ed comigo; Matt e os demais irão ajudá-lo a vigiar Fletcher e a cuidar da fazenda. Seja como for, vou procurar um guarda florestal aposentado que raciocine nos termos da lei, pois precisamos de alguém sem grandes escrúpulos, que cumpra nossas ordens e saiba fazer o mesmo jogo sujo de Fletcher.

— Jess, nós somos pessoas de bem, honradas e trabalhadoras; não podemos nos igualar a um crápula como Fletcher. Temos de agir de acordo com a lei.

— Temos de encarar a realidade, papai: se não reagirmos, Fletcher acabará nos matando.

— No passado, enfrentamos apaches, comanches e ladrões de gado, e quase não houve derramamento de sangue. A Fazenda Lane é meu lar há vinte e seis anos, e não quero perdê-la. Continuarei rezando para que Fletcher nos esqueça e volte para o Leste. — Respirou fundo. — Jess, confio em você. Sei que é ativa e orgulhosa como eu, mas também bondosa e inteligente como foi sua mãe. Quando obtive do governo a concessão para ficar com as terras, sua mãe usou a herança que recebera para comprar o primeiro rebanho e os suprimentos necessários. Tivemos de enfrentar a fome, doenças nossas e do gado e a morte de meu pai. Moramos em tendas até esta casa ficar pronta. Perdemos dois filhos, e eu vi sua mãe morrer sem poder ajudá-la. Sofri inúmeros golpes e os superei. Sei que sou obstinado e às vezes imprudente, mas não está em mim desistir. Minha doce Alice, dois dos filhos que tivemos

e meu pai estão enterrados aqui. E sua avó está ficando velha e debilitada.

Ao vê-lo tão emocionado, Jessie preferiu não interrompê-lo.

— Estas terras hão de ser suas, e, se tiver de morrer por você e por elas, eu o farei. Como confio em sua sensatez, sugiro que você parta ao amanhecer, antes que eu me arrependa. Mas peço que me prometa cuidar de si como se deve. Eu não iria suportar se algo viesse a lhe acontecer. Quando sua mãe...

— Eu sei, papai. Também sinto demais a falta dela. — Abraçou-o. — Não se preocupe; estarei de volta, trazendo ajuda, antes de o senhor ferretear os bezerros nesta primavera.

Depois de balançar a cabeça num gesto afirmativo, ele afastou-se, cabisbaixo. Jessie, que nunca o vira tão acobrunhado, sentiu um peso no coração... e uma pontada de culpa na consciência. Desde a morte de seu irmão mais velho, vira-se na obrigação de ser o outro homem da casa no intuito de ajudar o pai, no entanto gostaria muito que ele a visse como uma filha, não como “um filho”.

Queria ter a chance de sonhar com o amor, um romance, casamento, um lar, filhos... Circunstâncias pouco prováveis numa existência cheia de responsabilidades como a sua. Não podia abandonar o pai, a avó, o irmão incapaz e Mary Louise, sua irmã mais nova e ainda tão imatura. Amava aquelas terras, amava seu pai, mas... seria um crime querer a própria vida de volta?

Pare de sonhar, Jess. Há muito o que fazer.

— Você e papai vão acabar nos matando a todos com essa história de pistoleiro de aluguel — esbravejou

Mary Louise com os olhos azul-escuros arregalados quando Jessie contou que viajaria a San Angelo para contratar ajuda profissional.

— Não há outro jeito, Louise. Mas agora estou cansada; conversaremos mais tarde. Passei o dia inteiro consertando cercas e correndo atrás de novilhos desgarrados, e ainda preciso arrumar minhas coisas.

— Vou com você.

— De modo algum. Será uma viagem árdua, cansativa, e não haverá tempo para fazer compras.

— Nunca faço nada de interessante, nunca saio deste fim de mundo sem diversões nem amigos.

— Quando os problemas estiverem resolvidos, você terá tudo o que deseja. Seja paciente, Louise.

— Jamais terei nada nesta imensidão selvagem! Estamos cercados por montanhas e desertos, e o vizinho mais próximo é o sr. Fletcher, a quem vocês têm por inimigo. Papai deveria era vender isto aqui e voltar para a civilização.

— Não exagere; há muitas cidades a um ou dois dias de viagem da fazenda, e sempre vamos a festas e comprar provisões. Isso sem falar das outras fazendas nos arredores.

— E de que adianta? A verdade é que me sinto sozinha e entediada.

— Por que não ajuda a vovó na cozinha? Ela está com setenta anos, precisa de auxílio. Se você parasse de se queixar, encontraria o que fazer.

— Trabalho de escravo, por exemplo? Ora, nós não somos pobres; poderíamos contratar pessoal para cuidar das galinhas, da horta, da roupa suja, da limpeza da casa e da ordenha das vacas. Todos os meus amigos da escola têm criados.

— Não vejo por que desperdiçar dinheiro ganho arduamente quando podemos fazer tudo isso sozinhos. Além do mais, não temos acomodações para uma empregada, e seria absurdo ela ficar no alojamento com quinze homens.

— Se Tom fosse para a escola, ela poderia ficar no quarto dele.

— Tom não pode ir para o internato, pois é óbvio que iria sofrer nas mãos dos outros meninos... Por falar nisso, por que não me ajuda a dar aulas para ele?

— Não sou nenhuma professorinha de roça.

— Ele é seu irmão — lembrou Jessie, sempre preocupada com o egoísmo e falta de sensibilidade da irmã quatro anos mais nova do que ela. — E precisa de nós.

— Não. Quero outras ocupações.

— Não é justo deixar tudo nas costas da vovó.

— Também não é justo forçar-me a ficar aqui e a trabalhar como uma escrava.

— Então por que não aceita o cargo de professora num colégio como o que você frequentou?

— Porque vou encontrar outra maneira de sair daqui!

— Louise, já faz dois anos que você terminou os estudos. Esqueça o Leste e pare de se atormentar.

— Odeio ficar aqui, neste lugar onde só há calor, trabalho e solidão. Não quero morrer solteirona, Jessica! Este lugar acabou com nossa mãe, que era bonita quando jovem e morreu parecendo uma velha decrépita, sem nunca ter se recuperado do último parto.

— Mamãe morreu em decorrência de uma febre contagiosa, não por causa de Tom.

— Se ele não tivesse nascido, ela não teria ficado tão debilitada.

— Mary Louise Lane!

— Tivemos sorte de não nascermos deformadas.

Mamãe teve partos problemáticos, tanto que perdeu outros dois filhos. Mesmo assim, papai não se incomodava com...

— Davy morreu com dois anos e o outro bebê logo após nascer, mas Tom já estava com sete anos. Não diga asneiras, Louise.

— Se Davy não tivesse morrido, você não seria “o filho” de papai; teria se casado e formado sua própria família. E se mamãe ainda estivesse viva, ela teria obrigado nosso pai a ir embora daqui.

— Bobagem, ela adorava a fazenda tanto quanto nós. Quer dizer, exceto você.

— Este lugar vai nos roubar a beleza e a juventude, isso sim. Fale com papai, Jessie, diga que só seremos felizes nas cercanias de uma cidade grande. Depois de ficar tanto tempo fora e de viver na civilização, sinto-me um peixe fora d’água nestes confins do mundo.

— Papai a mandou para o colégio porque mamãe se preocupava com nossa educação. Só não fui estudar fora por causa da guerra, mas mamãe cuidou da minha instrução, assim como faço com Tom.

— Jess, você não entende. Sinto falta dos meus amigos, e papai nem me deixa ir visitá-los. Se você soubesse como é o mundo lá fora, também iria querer ir embora daqui.

Jessie, que não tinha amigos, apenas conhecidos a quem via vez por outra na cidade e em ocasiões especiais, admitiu para si que gostaria de ter uma vida diferente, de conhecer outros lugares e de experimentar romances como os que lia nos livros. Mas, apesar de tudo, sentia que seu lugar era ali, na fazenda.

— Somos diferentes, Louise, apesar de sermos irmãs e...

— Irmãs devem ajudar uma à outra, Jess. Por que não convence papai a me deixar voltar para o Leste, nem que seja para uma visitinha de uns poucos dias?

— Conversaremos outra hora, está bem? Por favor, vá ajudar a vovó com a janta, pois tenho de arrumar minhas coisas.

— É *jantar*, Jessie. Esqueceu o que mamãe ensinou?

— E o que esperava de quem sempre viveu como “o filho” de Jed e que trabalha feito um peão? — Arrependida do rompante, tentou explicar-se: — É claro que sei que sou mulher, que encontrarei o amor e um dia me casarei. Mas antes tenho de resolver um problema e por isso vou procurar ajuda.

— Como acha que vai se casar se anda no meio de gente rude como vaqueiros, andarilhos e soldados? Se escolher um namorado como o tonto do Matt, ficará aqui para sempre, trabalhando como escrava e tendo um filho atrás do outro. — Bonita, pouco mais alta do que o metro e sessenta da irmã e com um corpo sinuoso, Louise tornou a ajeitar os cabelos loiros. — Eu vou embora. Quero me casar com um homem rico e bonito, ter roupas elegantes e ser mimada como mereço.

— E como...

— Você parece um caubói, Jess. Queimada de sol, com esses cabelos sempre presos e usando trajes de homem... Daqui a algum tempo, nem mesmo Matthew Cordell vai desejá-la.

— Matt é nosso capataz e meu amigo, nada mais. E eu o respeito muito, pois ele é amável, digno de confiança, trabalhador...

— E tem quase quarenta anos. Se bem que você, com vinte e quatro, não é nenhuma meninazinha — debochou Louise.

— Por que anda me provocando por causa de Matt? Será que é porque ele não tem recursos e é honesto? Isso a incomoda tanto assim? Só quero ver quem você irá escolher para marido!

— Esteja certa de que não será nenhum vaqueiro de mãos encardidas e roupas empoeiradas cheirando a cavalo ou suor. Pelo contrário: será um homem poderoso, rico e educado.

— Desejo-lhe sorte em sua busca, irmãzinha. Agora, vá ajudar vovó antes que papai se irrite com sua falta de atenção para com ela.

— O frango e os croquetes de milho estão uma delícia, vovó — comentou Jessie, à mesa do jantar com o restante da família. — Como eu queria cozinhar como a senhora!

— Seu pai me falou dos planos, por isso fiz seu prato favorito, Jess. — A velha senhora sorriu para ela. — Sentiremos sua falta e rezaremos por você, querida.

— Achei essa ideia um absurdo, papai — observou Louise. — Por que não vende a fazenda, assim vamos morar num local mais civiliz...

— Pare com essa conversa tola, menina! Reivindiquei a concessão destas terras e ergui esta fazenda do nada com meu suor, minhas lágrimas e meu trabalho. Ninguém irá me tirar daqui. — Mais do que o assunto, era o tom desdenhoso da filha que tanto magoava Jedidiah. — Por que você não pode ser como sua irmã?

— Não sou Jessica! Quero visitar minhas amigas e...

— Se eu soubesse que você voltaria desse jeito do colégio, nem teria mantido a promessa de mandá-la estudar fora. Estou cansado de suas queixas e de sua preguiça. E também já lhe disse centenas de vezes que você não

voltará para o Leste!

Louise não retrucou, porém seus olhos cintilaram de raiva. No intuito de aplacar o mal-estar entre o filho e a neta, Martha Lane pôs-se a perguntar a Jed e a Jessie dos planos para frustrar as investidas de Wilbur Fletcher e, por alguns instantes, a conversa transcorreu sem novas alterações.

— Não vejo a hora de conhecê-lo, Jess. — Tom, o filho mais novo de Jed, estava bastante animado com a decisão de contratarem um pistoleiro para defendê-los. Infelizmente, o garoto de treze anos de idade fitava a irmã mais velha com os olhos apertados, sinal de que os óculos redondos prescritos pelo médico de Fort Davis não eram suficientes para corrigir totalmente sua visão. — Como pretende escolhê-lo?

Jessie, que o adorava, desejava de todo o coração que o pé torto e a grave deficiência visual não fossem um fardo pesado demais para um menino tão doce e valente. Mirando o rosto sardento dele, emoldurado pelos cabelos vermelho-escuros, sorriu para disfarçar a tristeza.

— Farei como uma raposa, Tom: vou me aproximar sorrateiramente para observar os profissionais que estiverem à disposição, então escolherei o que me parecer melhor.

— Se eu fosse grande e forte e pudesse cavalgar e atirar, Fletcher não incomodaria mais você nem papai.

— Por ora, filho, o melhor que você tem a fazer é concentrar-se nos estudos.

— Você ainda é muito jovem para lidar com problemas tão sérios — Jessie tentou confortar o irmão.

Tom sorriu para ela sem muito entusiasmo e, empurrando os óculos para cima, voltou a comer.

Após o jantar, o garoto voltou ao seu quartinho no

sótão para estudar, Jed foi dedicar-se aos livros de contabilidade da fazenda, e Louise subiu para o dormitório que partilhava com Jessie a fim de escrever cartas às amigas da Costa Leste e sonhar com fugir da fazenda. Na cozinha, com a louça já lavada e posta para secar, Jessie e a avó cuidaram de preparar as provisões para a viagem.

— A senhora sabe que não há outra opção, não é mesmo?

— Infelizmente, sim, minha filha. — Martha acariciou o rosto da neta. — Você é uma menina de ouro, uma bênção para meu filho e para toda a nossa família. Reconheço que sua vida não tem sido nada fácil, mas Jed não teria sobrevivido aos momentos mais penosos se não tivesse você com quem contar. Este lugar é fruto de muito trabalho, dele e de Alice. Quando Thomas e eu viemos para cá com eles, tudo isto aqui eram terras virgens. Esta casa foi erguida com muito carinho; cada tábuia e cada pedra usadas na construção passaram pelas mãos de um Lane.

— Eu sei, vovó. Eu sei.

— Mesmo fazendo de tudo para não nutrir o rancor, não posso deixar de sentir raiva de Fletcher. Por isso, peço-lhe que faça o que tem de ser feito, querida; só não se perca nessa guerra amarga.

— Como assim, vovó?

— Lutar contra o mal torna a pessoa fria e rude, pois é preciso descer ao nível de quem nos ataca e muitas vezes se paga caro por isso. Não esqueça, Jessie: não se deixe levar para a direção errada e tenha sempre em mente que você é uma Lane.

— Prometo, vovó. — Retribuiu o carinho que Martha fizera em seu rosto. Adorava a avó, uma mulher ativa e valorosa com quem podia conversar e aconselhar-se.

Quando tudo ficou pronto, Martha foi para seu quarto

e Jessie, para a sala, onde se sentou no chão ao lado da poltrona do pai e pôs a cabeça nos joelhos dele.

Jed acariciou-lhe os cabelos como fazia quando a filha era pequena.

— Volte para casa sã e salva, Jess. Tenha cuidado.

— O senhor é quem deve ter cautela, papai. Fletcher é muito ganancioso.

— Eu sei, Jess. Mas quem me preocupa de fato é Louise. Se eu soubesse, jamais teria deixado que ela fosse para aquele internato, de onde retornou mordaz, rebelde e cheia de sonhos impossíveis. Não consigo mais conversar com ela, só discutimos. Acho que sua irmã me odeia.

— Papai, ela está tendo dificuldades em adaptar-se novamente à vida no campo, já que, no Leste, estava cercada de amigos e diversões, tinha roupas bonitas e muita atenção. Não podemos culpá-la; Louise esteve muito tempo longe de nosso amor e de nossa influência. Talvez sua filha não seja mais uma texana, mas, seja paciente, porque é muito provável que ela venha a mudar.

— Eu queria muito que Louise fosse como você. Sua irmã anda por aí como uma jovem cheia de caprichos, tratando os peões com grosseria, desrespeitando a mim e a sua avó... Às vezes fico tentado a dar-lhe uma surra, e isso é muito ruim.

— Entendo como se sente, mas seja paciente, sim? Dê tempo ao tempo. — Bocejou. — Vou corrigir as tarefas de Tom e deixar mais algumas lições para quando eu estiver fora. E... Papai, veja se encontra algo para Tom fazer. Ele se sentirá melhor se puder nos ajudar.

— O que posso fazer, Jess? Marcar o gado é uma tarefa muito perigosa para ele. E ordenhar as vacas também. Ah, como eu gostaria que ele tivesse nascido perfeito...

— Eu sei, só que temos de pensar que não é fácil para

ele também. — Levantou-se. — Boa noite.

— Boa noite, Jess.

Ao subir a escada dos fundos, que dava no sótão, Jessie reparou que o corrimão já estava solto de novo em virtude da força com que Tom se segurava para galgar os degraus. Pobrezinho, ele nunca pudera brincar e correr como as outras crianças... Diante da porta do quarto, ela bateu de leve e entrou. Como sempre, as duas lamparinas estavam acesas, o que deixava o ambiente bem claro para que o menino conseguisse ler apesar da visão deficiente.

Tirando os óculos que pouco ajudavam, ele estreitou ainda mais os olhos e sorriu para a irmã. Após lhe afaçar os cabelos ásperos, Jessie corrigiu as lições do dia e passou outras.

— Por que sou tão inútil, Jess?

— Não diga isso, Tom.

— Mas é verdade. Quando vamos a algum lugar, tenho de ficar sentado na carroça. E nem posso usar sapatos. — Apontou a meia grossa feita pela avó. — As pessoas riem e não querem ficar perto de mim, como se eu tivesse uma doença contagiosa.

— Muitas vezes as pessoas são cruéis sem querer, quase sempre porque têm medo do que não entendem.

— Você tem de se cuidar, Jess. Se algo acontecer a você ou à vovó, terei de ficar com o papai e com Louise, e eles não gostam e têm vergonha de mim.

— Papai se sente responsável pelo que lhe aconteceu e sofre por não poder fazer nada. — Jessie abraçou-o. — Não tenha vergonha de nada, Tom. Não permita que o infortúnio o impeça de conseguir o que deseja. Sei que não é fácil, mas sua perseverança será um espelho de sua determinação. Se encarar seu problema com bom humor, as pessoas ficarão descontraídas. Mostre-se forte,

firme, decidido. Ria, mesmo sem vontade. Se aceitar seu problema, os outros também aceitarão. Todos têm suas fraquezas e...

— Você não tem, Jess.

— Claro que sim, e uma delas é ser mulher. Se eu fosse homem, poderia enfrentar Fletcher de igual para igual... Ah, nem sei por que estou falando tanto, pois preciso ir me deitar para estar bem descansada quando amanhecer. E você, trate de estudar bastante na minha ausência. Lembre-se, Tom: além de ser muito melhor do que um físico perfeito, um cérebro sagaz pode abrir várias portas que a força não consegue pôr abaixo.

— Amo você, Jessie.

— Também amo você, e sou muito feliz por tê-lo como irmão.

— Mesmo que eu seja aleijado e quase cego?

— Você não é cego e pode andar como qualquer um de nós. Pense em seus problemas como desafios, não como tragédias, e um dia tudo isso deixará de afligi-lo. Até lá, estude bastante. Promete?

— Prometo. — Ele a beijou. — Volte logo, Jess.

— Voltarei, sim.

Depois de encilhar o cavalo malhado que só obedecia às suas ordens, Jessie prendeu à sela o alforje, o saco com provisões e um colchonete enrolado, então conferiu as armas que levava: na bainha de couro, um rifle Winchester de quinze tiros; ao redor da cintura, uma pistola calibre 44 de seis tiros; a munição ia num dos alforjes e nos bolsos do colete. Queria pôr-se a caminho antes que os vaqueiros voltassem da ronda noturna com alguma notícia que pudesse retardar sua partida, mas não houve tempo.